

Música
29 Outubro '09

CRASH!

Pela OrchestrUtopica

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Programa

Augusta Read Thomas
*Dancing Helix Rituals** (2007) 9'

Lee Hyla
*Amnesia Redux** (2002) 11'

Luis Tinoco
*Spam!*** (2009) 15'

Intervalo

John Adams
Chamber Symphony (1992) 22'

Frank Zappa (Arr. René Bosc)
*The Black Page** (1984/ Arr. 2009) 7'

Intérpretes

OrchestrUtopica
Maestro René Bosc
Barítono e narrador Mário Redondo
Vídeo Jérôme Bosc

Concerto comissariado
por Luís Tinoco

* Estreia em Portugal

** Estreia absoluta e encomenda da OrchestrUtopica

Quando o José Júlio Lopes me convidou para programar um concerto da OrchestrUtopica centrado na música de compositores norte-americanos contemporâneos e, simultaneamente, me lançou o desafio de escrever uma peça original que reflectisse uma ligação com o tema do programa, aceitei o seu desafio com bastante entusiasmo.

Por um lado, esta não era de todo uma experiência nova. Tendo sido um dos elementos fundadores da OU, participei activamente na elaboração da programação do agrupamento até ao momento em que deixei de estar ligado à sua direcção em 2005. Desde então e até à data deste concerto mantive uma ligação com o grupo, porém, igual à de qualquer outro compositor que pontualmente tenha visto a sua música ser integrada na programação da OU. Esta é portanto a primeira vez que concebo um programa para este agrupamento na qualidade de *outsider*. E as responsabilidades são bastante diferentes. Enquanto director artístico de um grupo de música contemporânea, um compositor deve, julgo, conseguir ultrapassar a esfera das suas escolhas e preferências musicais e consequentemente seleccionar repertório que seja abrangente e principalmente que proponha uma reflexão sobre as tendências presentes e/ou de um passado recente. Neste contexto, a posição de um compositor programador não será muito diferente da de um musicólogo programador.

Na qualidade de *outsider* o desafio passou a ser outro. Não senti qualquer necessidade de fazer uma escolha de obras de grandes vultos da música norte-americana, nem de programar uma corrente em particular, nem tão

pouco de dar a conhecer repertório que tenha marcado momentos específicos da música século XX. Assumindo totalmente a minha condição de compositor – mais do que de curador –, optei por programar este concerto escolhendo música de alguns compositores com quem partilho afinidades.

Assim, John Adams e Frank Zappa surgem neste programa porque ambos, em momentos diferentes da minha actividade, abriram caminhos e ajudaram-me a encontrar respostas para as minhas composições. Programei também Augusta Read Thomas e Lee Hyla, dois compositores que pude conhecer recentemente em Chicago, cujo trabalho muito admiro e que, penso, ainda são relativamente desconhecidos no nosso país.

No entanto, existem algumas convergências entre os compositores incluídos neste programa. Destaco, entre outras, a capacidade de integrarem materiais oriundos de *outras músicas* diferentes da música ocidental de tradição escrita, bem como o seu sentido de energia e gesto musical que por vezes poderia ser sintetizado numa única onomatopeia (que dá também o título a este concerto).

Sugeri o convite a René Bosc para dirigir este programa, não apenas pelo longo trabalho multidisciplinar que vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos em articulação com Jérôme Bosc, combinando a *performance* musical com a projecção e sincronização de imagem em tempo real, mas também por se tratar de um maestro europeu que de algum modo se tem distanciado do *mainstream* da música contemporânea, promovendo e divulgando a música de

vários compositores norte-americanos, como o próprio John Adams e Frank Zappa.

Finalmente, não posso deixar de assinalar que esta foi a primeira vez que compus para a OrchestrUtopica. Ao prazer de trabalhar com estes músicos pude agora juntar mais um prazer, o de ver uma partitura ganhar corpo e materializar-se em som nas mãos de amigos e companheiros de longa data e que muito admiro.

Luís Tinoco, Outubro 2009

© Michael Lutch



Augusta Read Thomas

Dancing Helix Rituals

Augusta Read Thomas nasceu em 1964 em Glen Cove, Nova Iorque. Foi compositora residente na Orquestra Sinfónica de Chicago de 1997 a 2006. Em 2007 a sua obra *Astral Canticle* foi uma de duas finalistas do Prémio Pulitzer para Música. Faz parte do Conselho Directivo do Centro de Música Americano (www.amc.net) desde 2000 e da Direcção ou Conselhos Consultivos de diversos agrupamentos de música contemporânea. Foi eleita Presidente da Direcção do Centro de Música Americano, cargo que ocupou de 2005 a 2008.

É professora há cerca de 15 anos. O ensino é uma extensão natural do seu processo criativo e do seu entusiasmo pela música de outros. Foi assistente e professora associada da Escola Eastman de Música entre 1993 e 2001 e de então até 2006 foi professora na Universidade Northwestern. Actualmente faz parte do Conselho Consultivo desta universidade. Ensina regularmente nos cursos de Verão de Tanglewood. Dirigiu o Festival de Música Contemporânea

de Tanglewood em 2009. É amiúde convidada para residências em escolas, universidades e festivais nos EUA e na Europa. Até 2011 está a dirigir um curso para jovens, que irão compor peças a estrear pela Orquestra Sinfónica de New Haven em 2011.

Em Maio de 2009 foi integrada enquanto membro da Academia Americana de Artes e Letras (www.artsandletters.org), uma sociedade formada por 250 artistas de todas as áreas. A eleição para pertencer a esta Academia é considerada nos EUA o mais alto reconhecimento formal de mérito artístico.

A sua obra é editada pela G. Schirmer e a sua discografia inclui 45 CDs.

Augusta Read Thomas divide o seu tempo entre Chicago no Illinois e Becket no Massachusetts.

www.augustareadthomas.com

Dancing Helix Rituals

Encomendada pelo Trio Verdehr e pela Universidade do Estado do Michigan e dedicada com admiração ao Trio Verdehr. *Dancing Helix Rituals* para violino, clarinete e piano foi composta em 2006.

Apesar de sentir que esta música vale por si própria enquanto obra de arte, deverá, se possível, ser executada com bailarinos. Os primeiros ballets de Stravinsky são obras que reverencio, que estudei, que amo e sigo – desta forma, sou levada a ouvir e sentir toda a minha música, sobretudo os meus trabalhos para orquestra, como música que pode ser dançada. Enquanto componho, canto, danço, movo-me e dirijo na minha mesa de trabalho. É um processo

visceral. Os meus ouvidos e a minha mente são tão analíticos quanto intuitivos – e eu “sinto” e “oiço” claramente cada nota, ritmo e timbre. (Espero que consigam compreender esta precisão e minuciosidade.)

Esta música é composta com todo o ouvido e todo o corpo. Há uma lógica muito refinada em cada *nuance* que emerge do som. Os sons são variados, coloridos, arrevesados, inesperados e, no entanto, espero que soem tão inevitáveis como os sons de uma improvisação de jazz, espontâneos e indispensáveis.

Este trio de dez minutos foi inspirado na generosidade de espírito, energia e dedicação do Trio Verdehr. A partitura contém indicações tais como: apaixonado, brilhante, impetuoso, com estilo e energia rituais, como um relógio e mecânico, apressado e brincalhão, majestoso e grave, descontraído, *jazzy*, colorido, como uma fanfarra, excitado, leve e saltitante. Foi necessária muita energia para compor esta peça, uma vez que são dez minutos de música muito rápida. (Muitas notas! Não há corais “Largo”). E requereu o mesmo alento aos instrumentistas virtuosos desta noite, a quem dedico a minha profunda gratidão.

Augusta Read Thomas

© Jane Lackey



Lee Hyla

Amnesia Redux

Lee Hyla nasceu em Niagara Falls, Nova Iorque e cresceu em Greencastle no Indiana. Estudou Composição com Michael Peyton no Conservatório de Nova Inglaterra e com David Lewin na Universidade de Nova Iorque, em Stony Brook. A sua formação musical incluiu uma extensa experiência como pianista de música contemporânea, rock e música improvisada.

Escreveu para inúmeros instrumentistas, incluindo a Orquestra de Câmara Orpheus, o Quarteto Kronos (com Allen Ginsberg), The Chamber Music Society do Lincoln Center, Speculum Musicae, o Boston Modern Orchestra Project, o Quarteto de Cordas Lydian, Triple Helix, Tim Smith, Tim Berne, Laura Fratschi, Rhonda Rider, Stephen Drury, Mia Chung, Judith Gordon, Mary Nessinger e o Boston Musica Viva.

Foi compositor residente da Academia Americana em Roma em 2004 e em 2005 foi compositor residente da Fundação Camargo em Cassis, França.

Recebeu encomendas das Fundações Koussevitzky, Fromm, Barlow e Naumburg, do Fundo Mary Flagler Carey, do Concert Artist Guild, três encomendas da América Chamber Music e duas do Meet the Composer/Reader Digest Consortium. Foi galardoado com o Prémio Stoeger da Chamber Music Society do Lincoln Center, uma bolsa Guggenheim, duas bolsas do Fundo Nacional para as Artes, o Prémio Goddard Lieberson da Academia Americana de Artes e Letras, o Prémio St. Botolph Club e o Prémio Roma.

As encomendas mais recentes incluíram uma obra para violino solo para Midori e Vadim Repin do projecto de encomendas Midori/Repin; um concerto para a Orquestra de Câmara St. Paul do Meet the Composer; uma peça baseada em canções tradicionais polacas do Boston Musica Viva. Em 2007/2008 foi compositor residente do Meet the Composer na Orquestra de Câmara St. Paul.

A sua música foi gravada pela Nonesuch, New World, Avant, Tzadik, CRI e BMOP Sound e é publicada em exclusivo pela Carl Fischer.

Vive em Chicago onde é professor na Universidade Northwestern.

Amnesia Redux

Amnesia Redux foi escrita em Boston na Primavera de 2002. A obra começa com duas declamações, primeiro pelo violoncelo (num registo muito agudo) e depois, numa versão alterada, pelo violino com um comentário do violoncelo e do piano. O trio aparece gradualmente como um ensemble unificado e explora o material apresentado no início numa

variedade de texturas e perfis contrastantes. Por fim, alguma da música anteriormente utilizada como transição emerge como tema principal e leva a peça até um final tranquilo.

A encomenda de *Amnesia Redux* foi possível com meios do Fundo Helen F. Whitaker e do Chamber Music America Endowment Fund. A obra foi escrita e é dedicada ao Trio Helix.

Luís Tinoco fotografado por Bernardo Sasseti em Londres, 1997



Luís Tinoco

Spam!

Luís Tinoco formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura, completou um Mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente encontra-se a fazer estudos de Doutoramento na Universidade de York sob orientação de Nicola LeFanu.

Paralelamente à sua actividade de compositor tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e

divulgador musical destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e mais recentemente assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos.

A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press.

Projectos futuros incluem a composição de *Paint Me*, uma ópera encomendada pela Culturgest e com libreto de Stephen Place.

www.tinocoluis.com

Spam!

Para barítono e 16 músicos.
2009 – encomenda da OrchestrUtopica; dedicado a Maria Augusta Gonçalves.

- I. *A Human Metaphor Flying Over*
- II. *Check Your Art Sense*
- III. *Why I Contacted You*
- IV. *Go, George, go!*
- V. *Dr. Maxman*

No *New Oxford Dictionary of English* “*Spam*” surge definido como “Irrelevant or inappropriate messages sent on the Internet to a large number of news-groups or users”. Na sua versão original, porém, *spam* é um alimento enlatado, de consistência e sabor duvidosos e feito à base de carne de porco e outros restos animais. A seguir à Segunda Grande Guerra, este alimento – oferecido pelo Governo dos EUA – foi consumido no Reino Unido em grandes quantidades, facto que esteve na origem de um célebre sketch dos *Monty Python* (um cliente de um restaurante era confrontado com uma ementa feita exclusivamente à base

de *spam*) e que por seu turno contribuiu para banalizar o uso do termo na internet e outros contextos.

Como qualquer outro navegador da internet, ainda me recordo da primeira vez em que fui confrontado com este fenómeno, com e-mails de pessoas que me escreviam dos mais variados cantos do Mundo a propor transferências bancárias, ou de empresas do ramo farmacêutico que me propunham a compra de comprimidos azuis a preços de saldo. No início, confesso, ficava um pouco embaraçado e procurava fazer *delete* com a maior rapidez possível. Depois passei por uma fase de indiferença até que finalmente comecei a colocar a hipótese de usar esta “literatura” para efeitos musicais.

Comecei então a juntar os e-mails que chegavam à minha caixa de correio electrónico com *spam*, links para vídeos no youtube, PDFs de páginas de jornais com notícias impensáveis, etc., e a adicioná-los a uma pasta com recortes de jornais e revistas contendo notícias com valor jornalístico equivalente ao valor nutritivo do *spam* (Specially Processed American Meats).

Este é, aliás, um processo infundável e como tal considero esta peça um *work in progress* que, com o decorrer do tempo, poderá resultar em versões mais longas, com novos andamentos. Na versão que é agora estreada pela OrchestrUtopica, *Spam!* apresenta os seguintes andamentos:

I. *A Human Metaphor Flying Over*

Inspirado em notícias de jornais americanos on-line e em vídeos colocados no youtube, conta a história de David Smith, um homem-bala que aceita ser

disparado do México para os EUA, atravessando a fronteira pelos ares. A proeza terá sido realizada a convite de Javier Tellez, um artista plástico que idealizou este voo como um projecto terapêutico para pacientes do Centro Psiquiátrico de Baja Califórnia, em Mexicali, e como uma metáfora para a união entre os povos. “David Smith is a metaphor for flying over human borders, flying over the law, flying over everything that is established”, explicou Tellez. Porém, entrevistado depois de aterrar em solo americano, David Smith confessou que o cachet também terá contribuído para aceitar assumir o papel de metáfora voadora.

II. *Check Your Art Sense*

Inspirado em notícias da imprensa alemã relatando a inépcia dos serviços de limpeza da cidade de Frankfurt. Durante uma recolha de lixo os funcionários camarários terão confundido uma instalação de um artista plástico com uma pilha de lixo e destruíram a obra de arte. Para evitar reincidências, o Presidente da Câmara da cidade decidiu inscrever os seus funcionários num curso de educação/sensibilização artística.

III. *Why I Contacted You*

Inspirado num e-mail de uma senhora que eu não conheço mas que me trata por *Dear Friend*, que se apresenta como viúva de Mr. Peter Jones e que se propõe transferir cinco milhões \$US para a minha conta bancária.

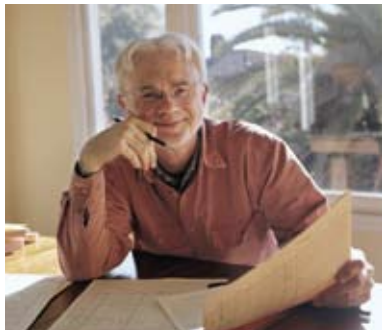
IV. *Go, George, go!*

Inspirado em notícias sobre um documentário produzido pela BBC e no qual seriam revelados depoimentos de

governantes palestinianos e israelitas, descrevendo conversas em privado com George Bush. De acordo com estes testemunhos o Presidente norte-americano ter-lhes-ia revelado que respondera a um apelo Superior quando tomou a decisão de invadir o Afeganistão e o Iraque: (...) “President Bush said to all of us: ‘I’m driven with a mission from God. God would tell me, George, go and fight those terrorists in Afghanistan. And I did, and then God would tell me, George, go and end the tyranny in Iraq... And I did.’” (...)

V. *Dr. Maxman*

Inspirado num e-mail que chegou à minha caixa de correio electrónico, propondo-me a compra de umas pílulas milagrosas. Fruto de longas e cuidadas investigações em laboratório, este medicamento permitir-me-á recuperar a minha auto-estima, deixar de olhar para o chão e passar a estar à altura das expectativas da mais exigente população feminina.



John Adams

Chamber Symphony

John Adams é um dos compositores americanos mais admirados e respeitados, um músico de largo alcance e mestria técnica. As suas óperas e obras sinfónicas destacam-se no panorama contemporâneo pela sua intensa expressividade, brilho sonoro e a natureza profundamente humanista dos seus temas.

Nasceu e cresceu na Nova Inglaterra, tendo estudado em Harvard. Em 1971 foi viver para a Califórnia, onde foi professor no Conservatório de S. Francisco durante dez anos e foi compositor-residente da Orquestra Sinfónica de S. Francisco.

As óperas de Adams encontram-se entre as mais conhecidas do nosso tempo. *Nixon in China*, *The Death of Klinghoffer* e *Doctor Atomic*, criadas em colaboração com o encenador Peter Sellars, versam sobre arquétipos da história contemporânea. *Doctor Atomic*, acerca do físico J. Robert Oppenheimer e a criação da primeira bomba atómica, foi encomendada e estreada na Ópera de S. Francisco, tendo depois sido apresen-

tada em Amesterdão, Chicago, Londres e no Metropolitan de Nova Iorque.

On the Transmigration of Souls, escrita para a Filarmónica de Nova Iorque por ocasião das cerimónias do primeiro aniversário dos ataques ao World Trade Center, recebeu o Prémio Pulitzer para a Música de 2003 e foi triplamente galardoado nos Grammy: Melhor Gravação Clássica, Melhor Interpretação Orquestral e Melhor Composição Erudita Contemporânea.

Em 2003 foi editada uma versão em filme de *The Death of Klinghoffer*, dirigida por Penny Woolcock e com a Orquestra Sinfónica de Londres dirigida pelo compositor. Jon Else realizou o documentário *Wonders are Many* sobre a produção de *Doctor Atomic*, filme que estreou no Festival Sundance de 2007 e que foi uma das escolhas da crítica do New York Times.

Adams recebeu diplomas honorários e aclamações da Universidade de Cambridge, Harvard, Escola de Música de Yale, Phi Beta Kappa, do Governador da Califórnia, da Legião de Honra Francesa e da Universidade Northwestern, onde recebeu o doutoramento *honoris causa* e o primeiro Prémio Michael Ludwig Nemmers de Composição.

Desde a edição de *Harmonielehre* em 1985 pela Nonesuch Records, todas as suas obras têm sido editadas por esta etiqueta. *The John Adams Earbox* é uma colecção de 10 CDs que retrata a sua música até 2000. Foi recentemente editada uma nova gravação de *Doctor Atomic Symphony* com a Orquestra Sinfónica de Saint-Louis dirigida por David Robertson.

A sua autobiografia *Hallelujah Junction* (Farrar, Strauss e Giroux) foi

acolhida pelo New York Times como um dos livros mais notáveis de 2008 e venceu o Prémio Literário da Califórnia do Norte em 2009. *The John Adams Reader: Essential Writings on an American Composer* (Amadeus Press, 2006), edição de Thomas May, é a primeira antologia exaustiva de textos sobre a vida criativa de John Adams.

O compositor tem simultaneamente uma prestigiada carreira enquanto maestro, tendo-se apresentado com as mais importantes orquestras mundiais, entre as quais a Orquestra Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Los Angeles, a Filarmónica de Nova Iorque e as orquestras de Atlanta, Estocolmo, Pittsburgh, Montreal, São Francisco e Detroit. É convidado habitual nos Proms da BBC.

O site oficial de John Adams é www.earbox.com. A sua música é publicada pela Boosey & Hawkes e pela Associated Music Publishers.

Maio de 2009

Chamber Symphony

A *Chamber Symphony* (Sinfonia de Câmara) foi encomendada pela Fundação Gerbode de São Francisco para os San Francisco Contemporary Chamber Players. Escrita entre Setembro e Dezembro de 1992 foi estreada por aquele grupo a 12 de Abril do mesmo ano. A nível internacional a estreia foi executada pelo Schoenberg Ensemble em Janeiro de 2003 em Haia.

A *Chamber Symphony* foi escrita para 15 instrumentos e tem uma duração de 22 minutos. Tem uma suspeita semelhança com o seu antecessor epónimo, o Op. 9 de Schoenberg. A instrumentação é quase igual, apesar de a minha incluir

um sintetizador, percussão (bateria), trompete e trombone. No entanto, ao contrário da estrutura ininterrupta de Schoenberg, a minha peça divide-se em três andamentos com títulos descritivos: *Mongrel Airs*, *Aria with Walking Bass* e *Roadrunner*.

Inicialmente eu queria escrever uma peça infantil e tinha intenção de gravar vozes de crianças e transformá-las, produzindo um tecido de instrumentos acústicos e electrónicos. Mas antes de começar tive mais um dos estranhos interlúdios que muitas vezes conduzem a uma nova obra. Num breve momento tive o “choque de reconhecimento” que Melville referia: sentado no meu estúdio a estudar a partitura da *Sinfonia de Câmara* de Schoenberg, apercebi-me que o meu filho Sam (com sete anos) estava na sala ao lado a ver desenhos animados dos anos 50. As sonoridades hiperactivas, insistentemente agressivas e acrobáticas dos desenhos animados misturaram-se na minha cabeça com a música de Schoenberg, também ela hiperactiva, acrobática, mas nem um pouco agressiva. E percebi o quanto ambas as tradições tinham em comum.

Durante muito tempo a minha música era concebida para grandes grupos e envolvia largas pinceladas em telas enormes. Eram sobretudo obras sinfónicas e óperas e, mesmo as obras mais pequenas como *Phrygian Gates*, *Shaker Loops* ou *Grand Pianola Music*, não eram mais do que estudos sobre o poder acústico das grandes massas sonoras. A música de câmara foi sempre difícil para mim pela sua polifonia inerente e a partilha democrática de papéis. Mas a sinfonia de Schoenberg deu-me uma chave para ultrapassar essa questão,

pela sugestão de um formato em que o peso e a massa de uma obra sinfônica pudessem casar com a transparência e mobilidade de uma peça de câmara. A tradição americana da música de desenhos animados – e reconheço de boa vontade que sou apenas um dos muitos que o tentam conseguir – sugere um modelo mais profundo para uma música que é simultaneamente virtuosística e polifônica. Há muitos outros modelos anteriores que conheci enquanto intérprete e que também foram úteis: *La Création du Monde* de Milhaud, o *Octeto* e a *História do Soldado* de Stravinsky e a maravilhosa *Kleine Kammermusik* para quinteto de madeiras de Hindemith, uma obra-prima pouco conhecida que antecipa a música de *Ren e Stimpy* em quase 60 anos.

Apesar de todo o bom humor, a minha *Chamber Symphony* acabou por tornar-se espantosamente difícil de tocar. Ao contrário de *Phrygian Gates* ou *Grand Pianola Music*, com as suas tonalidades essencialmente diatônicas, esta nova peça é linear e cromática; uma linguagem a que suponho possa chamar-se pós-Klinghoffer. Os instrumentistas devem mover-se entre passagens irrazoavelmente difíceis e tempos extremamente rápidos, muitas vezes sob o tempo impiedoso da bateria. Mas é precisamente aí que julgo estar o charme perverso da obra. (*Discipliner et Punire – Disciplinar e Punir* era o título original do primeiro andamento, antes de o intitular *Mongrel Airs* em resposta a um crítico britânico que apontava a falta de raça na minha música).

A *Chamber Symphony* é dedicada ao Sam.

John Adams, Berkeley, Junho de 1994



Frank Zappa (Arr. René Bosc) *The Black Page*

Frank Zappa (1940-1993) nasceu em Baltimore nos EUA. Durante a infância viveu algum tempo na proximidade de uma fábrica de material de guerra onde era armazenado gás mostarda. Em casa as máscaras de gás estavam sempre à vista, o que impressionava as crianças e teve uma profunda influência na formação de Zappa e nalguma debilidade física.

Foi compositor, guitarrista, produtor e realizador. Durante mais de 30 anos escreveu música de vários géneros: rock, jazz, electrónica, orquestral e concreta. Foi o produtor dos seus mais de 60 álbuns a solo e com a banda Mothers of Invention.

Na adolescência interessou-se por compositores contemporâneos, como Varèse e pelo *rhythm and blues*.

Foi compositor e músico auto-didacta e, tendo uma grande variedade de influências, a sua música era por vezes difícil de classificar.

“Como não tive qualquer tipo de formação formal, não fazia distinção entre

ouvir Lightnin’ Slim ou um grupo vocal chamado Jewels..., ou Webern, Varèse, Stravinsky. Para mim era tudo boa música.” (Frank Zappa, *The Real Frank Zappa Book*, 1989)

O seu álbum de estreia com a banda Mothers of Invention, *Freak Out!*, combinava canções *rock and roll* convencionais com improvisações em estúdio e colagens de sons electrónicos.

Os álbuns que se seguiram continuaram esta tendência de ecletismo e experimentalismo. Escreveu as letras de todas as canções, reflectindo a sua visão sobre os processos políticos estabelecidos, as estruturas e os movimentos. Era um acérrimo crítico da educação *mainstream* e da religião organizada e um fervoroso apoiante da liberdade de expressão e abolição da censura. As suas fortes opiniões levaram-no já nos anos 80 a tomar diversas posições públicas e a assumir um papel também enquanto político: no Senado ou em colaboração com o governo de Vaclav Havel na Checoslováquia.

Durante os anos 60 e 70 dedicou-se sobretudo ao rock em diversas variantes, com influências múltiplas que tornavam cada novo álbum num salto estético. Ao longo desse tempo tocou com as suas bandas, a solo e com algumas das mais prestigiadas orquestras e artistas internacionais (Zubin Mehta, a Orquestra Filarmónica de Los Angeles, a Royal Philharmonic Orchestra, Ringo Starr, entre outros).

Nos anos 80 começou a utilizar a *sprechstimme*, uma técnica vocal introduzida por Schoenberg e Webern. Editou dois álbuns de música orquestral sua tocada pela Orquestra Sinfónica de Londres.

O Synclavier permitia-lhe escrever qualquer passagem sem limites de andamento ou dificuldade. Em 1984 foi editado o álbum *Boulez Conducts Zappa: The Perfect Stranger* com obras de Zappa encomendadas e dirigidas por Boulez com o Ensemble InterContemporain e algumas obras para Synclavier.

Em 1986 ganhou o primeiro Grammy na categoria de Melhor Interpretação Instrumental em Rock com o álbum *Jazz from Hell*.

Foi um dos quatro compositores homenageados no Festival de Frankfurt em 1992 ao lado de John Cage, Karlheinz Stockhausen e Alexander Knaifel. Os concertos ficaram a cargo do Ensemble Modern. No primeiro concerto a direcção foi partilhada entre Zappa e Peter Rundel, mas a doença começava a impedi-lo de fazer uma vida profissional e não pôde acompanhar o ensemble no resto dos concertos.

Morreu em casa a 4 de Dezembro de 1993.

A sua música é conhecida e admirada mundialmente e serve ainda hoje como referência da maioria dos músicos de rock. Foi postumamente incluído no Rock and Roll Hall of Fame e foi-lhe atribuído o Grammy de Carreira em 1997.

The Black Page

“Então agora vejam isto. Deixem-me falar-vos desta música. Esta canção foi construída como um solo de bateria. É isso. Mas, depois do Terry [Bozzio] ter aprendido a tocar *The Black Page* na bateria, eu achei, ‘bem, talvez ficasse bem noutros instrumentos’. Então escrevi a melodia que acompanhava o

solo de bateria. E o resultado passou a ser *The Black Page part 1*, a versão *hard*. Depois pensei, 'bom, então e as outras pessoas no mundo que até podem gostar da melodia de *The Black Page*, mas não são capazes de encarar a densidade estatística da sua forma inicial'. Então voltei ao trabalho e construí uma cançãozinha que agora está a ser preparada neste formato tipo *disco*. Esta é *The Black Page part 2*, a versão fácil de Nova Iorque para adolescentes. Mergulhem a fundo com vosso lado mau, por assim dizer.

Obrigado.

Alguém dançou?"

Frank Zappa

© Radio France (Christophe Abramowitz)



René Bosc

Após a sua estreia como maestro em Montpellier em 1993, René Koering confiou-lhe os concertos de música contemporânea do Festival da Radio France e de Montpellier.

Dirigiu os ensembles Diagonales, SMCQ, a Orquestra Nacional de Montpellier, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra Sinfónica de Xangai, a Orquestra de Pau, a Orquestra Filarmónica da Radio France, as Percussões de Estrasburgo, as percussões da Orquestra Nacional de França e o Tambuco do México, os solistas de Moscovo, a Orquestra Nacional de Jazz, os coros da Radio France, os pequenos cantores de Mont-Royal de Montreal e solistas como Fazil Say, Didier Lockwood, Nemanja Radulovic ou François-René Duchâble.

De entre os diversos compositores que lhe dedicaram obras, encontram-se Philippe Hersant (*Concerto para violino*), Guillaume Connesson (*Athamor*) e Hanz Werner Henze (*Upupa*, uma ópera estreada em Salzburgo em 2003).

É delegado artístico da criação musical da Radio France desde 2001 e director artístico do Festival Présences.

Na temporada 2007/2008 os delegados das rádios de todo o mundo atribuíram-lhe o Prémio Itália para produção e poucos meses depois recebeu os dois prémios da Tribuna Internacional de Compositores. Nunca antes um produtor tinha sido galardoado com estes três prémios no mesmo ano.

"Caro René Bosc, recebi hoje o seu CD com a minha *Chamber Symphony* e adorei ouvi-lo com uma mistura de prazer e estupefacção. É uma interpretação soberba que domina perfeitamente o espírito da música: virtuosa, selvagem, precisa e com humor e inteligência. Felicito-o e ao seu maravilhoso grupo de solistas por terem realizado uma tão extraordinária gravação da peça. Ganhou certamente o direito de a tocar em qualquer parte do mundo! Obrigado ainda por todo o interesse e cuidado que dedica à minha música. A minha calorosa amizade." (John Adams, 3 de Março de 1997)



Mário Redondo

Nasceu em Lisboa em 1971. Licenciou-se em Direito pela FDL, completou o curso de Formação de Actores na ESTC e frequentou o Curso de Canto do Conservatório Nacional, trabalhando com Manuela de Sá. Frequenta actualmente o Mestrado em Teatro - Encenação na ESTC.

Trabalha desde 1992 em praticamente todas as áreas de actividade de um actor-cantor: teatro, cinema, televisão, dobragem, locução, concerto, ópera e musical.

Na área da ópera destacam-se as suas criações de Geronimo em *O Matrimónio Secreto* de D. Cimarosa (São Carlos, 2000); Sid em *Albert Herring* de B. Britten (T. Aberto, 2002); Sam em *Trouble in Tahiti* de Bernstein (Amiens/França, 2003); Roberto em *Os Fugitivos* de J. E. Rocha (estreada mundial - T. Trindade, 2004); Lockit em *Beggar's Opera* de Gay/Britten (T. Aberto, 2005); Ivan Iakovlevitch em *O Nariz* de D. Chostakovitch (São Carlos, 2006); Conde em *As Bodas de Fígaro*

de Mozart (T. Trindade, 2006); *Escrivão em Metanoite* de João Madureira (FCG, 2007); e Angelotti em *Tosca* de Pucinni (São Carlos, 2008).

Mantém ainda uma actividade regular de concerto e recital, destacando-se *Histórias Americanas – A Música de Leonard Bernstein* (Antena 2; 2003); *Eu Comovido A Oeste* com música de D. Schvetz (estreia mundial – Açores, 2003); *Missa em Si Menor* de Bach (Belfast, 2006); e *Canções Heróicas* de Lopes-Graça (São Carlos, 2006). Participa regularmente no Festival de Mafra, Festa da Música/Dias da Música (CCB) e na iniciativa Foyer Aberto do T. N. São Carlos.

Na área do teatro destacam-se os espectáculos *Migalhas de Um Deus Intratável* (enc. Carlos Pessoa, Teatro da Garagem – CCB, 2001); *A Verdadeira História da Gata Borralheira* (enc. Jorge Listopad, C. T. Sintra, 2002); *Kvetch* (enc. Eduardo Condorcet, Ninho de Víboras – T. Trindade, 2004); e *O Misanthropo* (enc. Ana Támen, Palácio Marquês de Tancos, 2009).

Na área dos musicais destacam-se os espectáculos *O Rapaz de Papel* (T. Trindade, 1998); *O Último Tango de Fermat* (T. Trindade, 2004); *Ópera de Três Vinténs*, no papel de Mack da Naífa (T. Aberto, 2005); *Os Sonhos de Einstein*, no papel de Einstein (T. Trindade, 2005/2006); *Sweeney Todd*, no papel de Sweeney Todd (enc. João Lourenço, T. Aberto, 2007); e *Evil Machines* (enc. Terry Jones, T. S. Luiz, 2008).

Em 2008 foi nomeado para o Globo de Ouro de Melhor Actor de Teatro pelo seu trabalho em *Sweeney Todd*.

No campo do audiovisual destacam-se as suas participações nos filmes

Sinais de Fogo (Luís Filipe Rocha, 1994), *Capitães de Abril* (Maria de Medeiros, 1999), *Amália* (C. Coelho da Silva, 2008) e *A Audição* (curta-metragem, Francisco Campos e Henrique Bagulho, 2009); além de inúmeras séries e programas de televisão.

Mantém paralelamente um percurso como encenador. Destacam-se nesta área os espectáculos *Monólogo de Mulher – História de uma Stripper* com texto de Cristina Basílio (T. Trindade, 2003); *Bastien e Bastienne*, ópera de Mozart (C. C. Olga Cadaval, 2008); e *La Folle Journée*, adaptação da ópera *As Bodas de Fígaro* de Mozart (Montijo, 2009).



Jérôme Bosc

Nasceu em França em 1978. É videasta e músico. Como guitarrista tem tocado com a Orquestra Nacional de Montpellier em obras de George Gershwin (*Rhapsody in blue*), Oscar Strauss (*Die lustige Nibelungen*), René Koering (estreia mundial de *Hier, Aujourd'hui, Demain*) ou John Adams (Festival da Radio France e gravação do CD para a etiqueta Actes Sud).

Como artista videasta, assina mais de uma centena de *clips* de apresentação de concertos de Myung-Whun Chung com a Orquestra Filarmónica da Radio France e de Kurt Masur para a Orquestra Nacional de França. Em 2005 realizou *Buster*, uma montagem sobre os filmes mudos de Buster Keaton para a peça *Fearful Symmetries* de John Adams.

A convite de Sir Simon Rattle realizou em 2006 um vídeo para uma nova versão do *Carnaval dos Animais* de Saint-Saëns, sobre um texto de Céline Morisson, com Katia e Marielle Labèque, para as actividades pedagógicas da Orquestra Filarmónica de Berlim.

Em 2007 o Festival Internacional de Música de Primavera de Xangai encomendou-lhe um vídeo sobre *Wu Xing* de Gigang Chen e a *Shanghai Symphony* de René Bosc.



OrchestrUtopica

A OrchestrUtopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa –, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical.

Ao fim de cinco anos já realizou mais de 40 concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A OrchestrUtopica beneficia de

um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/DGArtes (2003, 2004; 2005/2008; 2009-2012) e, desde a temporada de 2006/2007, é “orquestra em residência no CCB”.

Intérpretes

René Bosc direcção, samplers, vídeo
Katharine Rawdon flauta
Luís Marques oboé
Bruno Graça clarinete
Luís Gomes clarinete
David Harrison fagote
Paulo Guerreiro trompa
António Quitalo trompete
Hugo Assunção trombone
Elizabeth Davis percussão
Pedro Silva percussão
Mário Redondo barítono e narrador
Elsa Silva piano
Xuan Du violino I
Vítor Vieira violino II
Ceciliu Isfan viola
Jed Barahal violoncelo
Petio Kalomenski contrabaixo

OrchestrUtopica

Director José Júlio Lopes **Maestro titular** Cesário Costa **Produção** Élio Correia **Assistente** Helena Romão **Presidente da Mesa da Assembleia Geral** Paula Gomes Ribeiro **Presidente do Conselho Fiscal** André Sá Machado **Maestros convidados** Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI), Santiago Serrate (ESP)

Solistas convidados Ana Ester Neves, soprano (POR); Nicole Tibbels, soprano (GB); Fredrik Burstedt, violino (SE); Pedro Meireles, viola (POR); Yeree Suh,

soprano (COR); Monique Krüs, soprano (NL); Guillaume Grosbard, violoncelo **Compositor-residente** João Madureira (2004); Nuno Côrte-Real (2005).

A OrchestrUtopica é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos Copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009 OrchestrUtopica. Todos os direitos reservados. O logótipo e a designação OrchestrUtopica são propriedade da OrchestrUtopica ACSFL. A OrchestrUtopica é uma estrutura apoiada financeiramente pela Direcção-Geral das Artes – Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008; 2009/2012)

Concerto CRASH! · 85º concerto

Direcção artística do projecto José Júlio Lopes
Co-produção OrchestrUtopica/Culturgest
Produção executiva OU – Élio Correia **Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos** Helena Romão
Créditos da OU e/ou dos autores identificados
CRASH! ©© (incluindo textos), 2009, OrchestrUtopica ACSFL

Contactos:

Largo do Carmo 18, 1º eq, 1200-092 Lisboa, Portugal
Tel. & Fax: +351 213 474 148
Email: geral@orchestrutopica.eu
www.orchestrutopica.eu

Próximo espectáculo

Solo I & II António Pinho Vargas

Música Sáb 31 Outubro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

O projecto de gravar um disco a solo com grande parte das músicas compostas para os meus grupos de jazz de 1976 a meados dos anos 90 já era antigo. O David Ferreira insistia comigo há vários anos mas por várias razões só em Dezembro de 2007 as gravações no CCB tiveram lugar. Surgiu então um outro problema. Quando pensava que ia gravar um disco, registei, por excesso de entusiasmo, três horas de música(!). A solução encontrada acabou por ser a edição de dois CDs duplos: *Solo* em Julho de 2008 e *Solo II* em Outubro de 2009. Este segundo CD completa o projecto inicial. Neste concerto, que responde também ele a um desafio de Miguel Lobo Antunes, feito há quatro anos, de um concerto a solo na Culturgest, irei talvez concentrar-me mais nas músicas do II volume mas sem perder de vista que a ideia era, e sempre foi, registar num todo um testemunho de cerca de trinta anos de actividade musical. Depois de doze anos sem gravar e



© Isabel Pinto

sete sem fazer concertos – o trabalho da composição tem sido felizmente muito – o regresso aos concertos tem-me mostrado que nem tudo foi tão inútil como às vezes parece aos artistas e que continuam a existir tanto uma “intensa afectividade” por parte da abstracção chamada público – que muitas vezes se transforma em pessoas que dão abraços e dizem coisas inesquecíveis – como o prazer físico e mental de tocar piano. António Pinho Vargas, Junho de 2009

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
